

SUPERINTERESSANTE: DAS BANCAS PARA A ESCOLA

SUPERINTERESSANTE: FROM THE NEWS STANDS TO THE SCHOOL

Amanda Souza de Miranda

Universidade Federal de Santa Catarina/ Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica/

mandinha@gmail.com

Apoio do Cnpq

Resumo

Este trabalho pretende fazer uma breve análise sobre as seções da revista Superinteressante e como os professores podem utilizá-las na escola. Para tanto, escolhemos a primeira edição de uma nova fase da publicação e a avaliamos com base em algumas categorias: linguagem, metáforas e outras. Nós também procuramos fazer uma revisão da história da revista e chegamos a conclusão de que algumas de suas seções podem ser utilizadas na aula de Ciências.

Palavras-chave: jornalismo científico – ensino de Ciências

Abstract

This paper intends to make a short analysis about the pages of the Brazilian magazine Superinteressante and how teachers can use it at school. Therefore, we chose the first edition of the new phase of the publication and analyzed based in some categories: language, metaphores and others. We also made a revision about the history of the magazine and came to the conclusion that there are sections that can be used in a Science class.

Key-words: scientific journalism – teaching of Science

INTRODUÇÃO

A preocupação em aliar textos de divulgação científica de jornais, revistas e dos próprios cientistas às aulas de Ciências é algo cada vez mais visível entre professores e pesquisadores da área. Mais do que simplesmente trabalhar o conteúdo dos livros didáticos e do currículo obrigatório, busca-se a inserção de tópicos atuais que permeiam o cotidiano dos alunos, mas que ainda não são contemplados no contexto escolar. É justamente neste sentido que o jornalismo científico pode vir a contribuir: por tratar de informações recentes e polêmicas, ele muitas vezes traz, em formato de reportagens, assuntos que o professor tem interesse de levar aos estudantes, seja para debater, seja para complementar algum tópico do livro didático.

Porém, ainda são poucas as referências que buscam auxiliar os professores na escolha das revistas e dos textos apropriados a serem inseridos no cotidiano escolar. Muito se tem falado acerca das possibilidades deste instrumento, mas pouco se tem debatido sobre as formas como o educador deve se apropriar de tal recurso. Há, sim, algumas indicações sobre como eles não devem proceder, a exemplo do que destaca SOUSA (1996), segundo a qual este material não pode ser visto como o livro didático, pois uma de suas funções é possibilitar “a quebra da rotina escolar”.

Levando em conta este aspecto, são inúmeras as publicações jornalísticas que têm a informação científica como principal característica e que, justamente por isso, apresentam linguagem bastante diversa da do livro didático. Com base neste contexto, selecionamos a revista científica de maior tiragem no país (*Superinteressante*, da Editora Abril) para discutirmos sua potencialidade como material auxiliar para o ensino de Ciências. Para tanto, avaliaremos as seções de sua edição de junho de 2005, a primeira de uma nova fase editorial da *Super*.

Antes, no entanto, faremos alguns apontamentos acerca da história da revista, segunda mais antiga do Brasil entre as especializadas em Ciência.

A SUPER PARADIDÁTICA E A SUPER SOBRE O CONHECIMENTO HUMANO

No mês de outubro de 1987 chegava às bancas brasileiras a revista *Superinteressante*, concebida a partir de uma proposta editorial que já era rentável em outros países e que aportava no país através da editora Abril. O projeto da *Muy Interessante* foi adaptado especificamente para o público brasileiro e continha informações, por exemplo, sobre a finalidade da revista, que seria a de fornecer ‘cultura geral’ aos seus leitores. (CARVALHO, 1996).

Uma das preocupações da revista era justamente a de sanar uma suposta deficiência da escola no que se refere a ensinar temas relevantes e atrativos para seus alunos. Segundo apontou CARVALHO (1996), isto tinha destaque no projeto da publicação: “(o projeto) Diz que a educação brasileira é cada vez menos rica em cultura geral, enquanto a evolução científica e tecnológica é cada vez mais acelerada, e o mundo mais complicado”.

Ao utilizar tal justificativa, a revista se coloca no mercado como um canal que, além de divulgar a Ciência, poderia também educar, contemplando assuntos não abordados pelo currículo escolar. A exemplo do que pensa LÓPEZ (2004), a divulgação científica é, ao lado da educação científica, um dos meios pelos quais o cidadão pode se informar sobre assuntos da área. Neste sentido, vale ressaltar que o leitor de publicações especializadas, mesmo aquele que já passou pela escola, estaria em uma espécie de formação continuada, sempre recebendo informações científicas, mesmo que de forma voluntária.

Os primeiros anos da *Superinteressante* tinham este caráter paradidático. Muitos professores e estudantes escreviam para a redação e agradeciam aos editores da revista por terem mais um instrumento de ensino e de estudo. O primeiro diretor de redação, Almyr Gajardoni, que esteve à frente da publicação de 1987 a 1994, preocupava-se, também, em ter credibilidade entre os cientistas, daí sua preferência por temas das Ciências da Natureza em detrimento ao de outros campos do saber. O misticismo e a religião, por exemplo, eram tratados com parcimônia pela revista, que, nas palavras de GAJARDONI (1988), tinha “como matéria-prima a realidade”.

Após a gestão de Gajardoni, entretanto, Eugênio Bucci (que permaneceu na revista de 1994 a 1998) fez algumas modificações no perfil editorial da revista. As páginas ficaram mais coloridas com a inclusão de infográficos cuja função era explicar em detalhes o que as palavras deixavam vago ou impreciso. Temáticas de comportamento, religião e misticismo também passaram a ser abordadas com mais frequência, caracterizando uma clara distinção em relação aos anos anteriores. Após Bucci, assumiu a revista o jornalista André Singer, que passou apenas dois anos a frente da *Super*, mas cuja característica principal era a resistência a assuntos de fora do campo da ciência (‘pseudocientíficos’).

Contudo, a grande mudança editorial da revista ocorreu sob o comando de Adriano Silva, que, entre 2000 e 2005, fez aumentar a tiragem da publicação, e originou os chamados “filhotes da *Super*” (revistas que levavam o selo da *Super* e com conteúdos similares). Sua gestão foi marcada pelo aumento de assuntos de História, Religião, Comportamento, Misticismo e Cultura, e pela redução de temas da área das Ciências Físicas e Biológicas.

Pouco a pouco, a *Super* foi abandonando o rótulo de revista de “divulgação científica” e assumindo o de “revista sobre o conhecimento humano”, conforme afirmou o diretor de redação da publicação em Denis Russo Burgierman, em entrevista a NOVAES (2005) para o site *Observatório da Imprensa*. Se antes sua preocupação era a de ser didática, atualmente o cenário parece ser outro, como ele afirma na mesma entrevista:

A *Super*, no começo, era uma revista de ciência para adolescentes. Ela era juvenil e quase paradidática. Hoje ela é mais adulta. Tem mais texto, é mais aprofundada. Talvez por isso mesmo, ela está menos presa às matérias da escola. Não fazemos mais reportagens sobre física, química e geografia. Fazemos reportagens sobre grandes temas que interessam às pessoas adultas – e muitas vezes procuramos físicos, químicos e geógrafos para nos ajudar a decifrá-los.

Com tal afirmação, a publicação isenta-se definitivamente da responsabilidade contemplada durante os seus primeiros anos: a de servir como um canal alternativo à educação para as pessoas se informarem sobre a Ciência.

Assim mesmo, por ser a publicação especializada em Ciência de maior tiragem no Brasil, é válido que façamos uma rápida análise de suas seções a fim de verificar se seu sucesso nas bancas pode, também, transformar-se em um sucesso nas salas de aula.

AS SEÇÕES DA SUPERINTERESSANTE E SUA POTENCIALIDADE EM SALA DE AULA

Para fazer uma análise das seções da revista *Superinteressante*, tomamos como base a edição do mês de junho de 2005, que inaugurou uma nova fase editorial da revista e também seu novo slogan “Essencial”. Estabelecemos as categorias de análise levando em conta o trabalho de APARECIDA *et al* (2003), que estudaram os textos da revista *Ciência Hoje das Crianças* e sua potencialidade didático/pedagógica e que, por sua vez, basearam-se em Vieira (1998). São elas: *linguagem, apresentação (gráfica), metáforas e analogias, abordagem histórica e epistemológica e glossário*. Optamos por eliminar a categoria *precisão científica* pois, embora a

consideremos de fundamental importância, falta-nos, no momento, informações completas sobre os assuntos para detectarmos possíveis incorreções do ponto de vista científico.

A primeira seção da revista, denominada **Supernovas**, é uma espécie de resumo das novidades em Ciência e Tecnologia e compreende duas subseções: **Supernovas Papo** (contém entrevista) e **Supernovas Pôster** (pôster com informações sobre algum assunto). No mês de junho, foram tratados temas variados, desde corrida espacial e arqueologia, até ecologia e curiosidades. A linguagem é bastante acessível: textos curtos, com informações diretas – uma característica inerente às publicações jornalísticas em geral.

A apresentação gráfica é um dos pontos fortes da revista, que economiza nos textos, mas ilustra bem a seção com infográficos, fotografias e montagens. Analogias são pouco comuns nesta seção, o que não significa que a revista nunca as utilize. Quanto à abordagem histórica e epistemológica, por se tratarem de textos curtos, são feitas apenas menções a fatos históricos de uma forma pouco aprofundada. Os glossários não são artifícios utilizados pela *Super*.

Tal seção, por referir-se a novidades do campo da Ciência, pode ser utilizada na sala de aula como uma forma de atualizar os alunos sobre os avanços da área. Pode-se, por exemplo, dividir a turma em grupos, separar uma notícia por grupo e incentivá-los a buscar mais informações sobre o tema em questão para posterior apresentação aos colegas. Como a seção é interdisciplinar, sugere-se que todos os professores de disciplinas científicas se articulem em tal atividade. Deve-se, entretanto, estabelecer critérios para a escolha das notícias que serão distribuídas para a turma, rejeitando as que contiverem visões deturpadas de Ciência ou informações incorretas.

A segunda seção da revista, denominada **Superrespostas para entender o mundo**, consiste na apresentação de pergunta e respostas sobre os mais variados assuntos. No mês de junho, por exemplo, foram quatro questões que abordavam os temas Olimpíadas, Racismo, Massa e Subsolo. A linguagem, apesar de acessível, quando envolve temas científicos torna-se um pouco mais complexa, exigindo que o leitor tenha um conhecimento prévio, mesmo que limitado, sobre certos assuntos. Por exemplo, ao ler a resposta à pergunta **Se a população cresce, o peso da Terra aumenta?**, o leitor deverá ter noções sobre quem foi Lavoisier (citado na primeira frase), sobre conservação de massa e sobre átomos. Isto acontece devido ao fato de os textos serem breves e, por isso, pouco aprofundados.

Metáforas e analogias são bastante comuns nesta seção, especialmente quando os temas tratados exigem abstração por parte do leitor. Às vezes, as próprias fontes consultadas para responder às perguntas (cientistas) utilizam-se deste artifício para serem mais bem compreendidas. Com relação à apresentação gráfica, as páginas são bastante diversificadas: ilustrações, fotografias e infográficos possibilitam um maior entendimento do assunto. A abordagem histórica e epistemológica está pouco presente nesta seção, porém, na pergunta **A Argentina é um país racista?**, observamos uma tentativa do repórter em fornecer um panorama sobre o tratamento do país com relação aos negros, buscando fatos de outros períodos históricos. Ainda nesta mesma seção, há uma página reservada para a biografia de cientistas famosos. Não há glossários na **Superrespostas para entender o mundo**. Conforme já observaram Salém & Kawamura (1996):

Dentre as diversas formas em que se apresenta a divulgação científica, as "Perguntas dos leitores", voltadas para temas de interesse do aprendizado em Física, pelo seu formato pontual e de certa forma sintético, tratando na maioria das vezes de um conhecimento local, podem representar uma contribuição importante, além de propiciar diferentes formas de utilização em sala de aula.

Com base em tal afirmação, a experiência de trabalhar perguntas e respostas previamente selecionadas desta seção pode se mostrar bastante benéfica tanto para o professor,

quanto para o aluno. Além do que, o educador pode sugerir que os próprios estudantes produzam suas perguntas para enviar à revista e debater em sala de aula.

Para a seleção das perguntas a serem levadas à escola, Salém & Kawamura (1996) sugerem que o professor tenha em mente alguns critérios, tais como a ausência no livro didático, a interdisciplinaridade, a atualidade, o estímulo à reflexão, entre outros. As pesquisadoras lembram, ainda, que:

Em todos essas situações, propiciar a compreensão dos conceitos físicos ou fenômenos em questão é fundamental, fornecendo novos instrumentais de pensar e permitindo ao aluno tomar contato com o universo de questionamentos que cada novo conhecimento deve necessariamente abrir.

Com relação à seção **Superfetiche – objetos de desejo**, trata-se de um espaço da revista reservado à exibição de livros, games, DVDs e produtos de alta tecnologia. Por se tratar de uma seção destinada ao consumo, sua utilização em sala de aula é pouco recomendada, salvas algumas exceções. Na edição de junho, por exemplo, uma página é reservada à teoria da relatividade e possui dicas de livros que tratam do tema, que o professor pode indicar aos alunos. Nesta seção, a linguagem é acessível, sem metáforas ou analogias e sem glossários. A apresentação gráfica é o ponto alto, com muitas imagens e algumas ilustrações. Não há abordagem histórica e epistemológica, posto que é um espaço de sugestões para consumo.

Por fim, faremos a análise da última página da revista, intitulada **Supermanual – Guia do sobrevivente**, que consiste na simulação de situações de perigo e em como proceder nestes casos. No mês de junho, a situação hipotética era **como sobreviver se o pára quedas não abrir**. A linguagem é acessível, simples e objetiva e se desdobra em forma de tópicos – cada um deles guiado por uma ação básica (por exemplo: **Peça ajuda, Segure firme, Agüente o tranco**). Metáforas e analogias são pouco usuais e não há espaço para glossário, nem para abordagem histórica e epistemológica. A apresentação gráfica é, mais uma vez, o destaque da revista: com ilustrações, são apresentadas as simulações de como a pessoa em perigo deve proceder.

Tal seção, assim como a **Supernovas** e a **Superrespostas** poderiam ser utilizadas na sala de aula como forma a complementar algum conteúdo estudado. A edição de junho, por exemplo, dá margens para o estudo da queda livre e pode ser uma forma mais agradável de se ensinar e aprender o conteúdo.

ALGUMAS CONCLUSÕES

Ao darmos início à elaboração deste artigo, tínhamos a hipótese de que a *Superinteressante* não seria adequada para a sala de aula. Entretanto, chegamos à conclusão de que algumas seções da revista podem, sim, ser objeto de estudo e um instrumento a mais para que o professor ensine seus alunos com materiais alternativos aos livros didáticos. Contudo, cabe-nos ressaltar que o educador deve ter sempre a preocupação em selecionar o material apropriado, mantendo-se distante de algumas ‘armadilhas’ da revista (tais como os assuntos de fora do campo da Ciência e subseções que possam deturpar a visão de Ciência que a escola quer passar).

Também gostaríamos de lembrar que não nos coube, no espaço deste artigo, fazer uma análise das reportagens veiculadas pela revista. Este é um trabalho que pode ser feito posteriormente e que depende de uma maior amostragem. No entanto, gostaríamos de destacar que, no que se refere a edição de junho, um único assunto foi catalogado como Ciência no índice da publicação, os outros eram das áreas de Religião, História e Atualidades.

Outro aspecto relevante é a forma como os professores farão uso da revista em sala de aula. Procuramos fornecer algumas sugestões simples e de fácil execução, porém, é válido lembrar que, conforme argumenta Martins *et al* (2001) “faz-se necessária uma

recontextualização dos mesmos para que eles possam cumprir um papel educativo no contexto do ensino formal”. De igual maneira, Martins *et al* (2001) reforçam que deve ser feita “uma leitura crítica destes textos pelos professores no sentido de melhor explorar seu potencial didático, promover articulações entre seus conteúdos principais e conteúdos curriculares”. Feito isso, poderemos inferir que os textos de divulgação científica estarão, efetivamente, aptos a saírem das bancas rumo às salas de aula.

REFERÊNCIAS

- APARECIDA, A.J *et al*. Divulgação científica na sala de aula: um estudo sobre a contribuição da revista ciência hoje das crianças. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, IV, 2003, Bauru, SP. **Anais do IV ENPEC**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Física, 2003.
- CARVALHO, A. P. **A Ciência em revista: um estudo dos casos de Globo Ciência e Superinteressante**. 1996. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social) – Instituto Metodista de Ensino Superior. São Bernardo do Campo, 1996.
- GAJARDONI, A. Carta ao Leitor. **Revista Superinteressante**, São Paulo, Jan 1988.
- LÓPEZ, A.B. La Educación Científica y la Divulgación de la Ciencia. **Revista Eureka sobre Enseñanza y Divulgación de las Ciencias**, n.02, 2004.
- MARTINS, I. Textos de divulgação científica na sala de aula: Primeiros passos na construção de um banco de dados de referências. In: Encontro Regional de Ensino de Biologia. I, 2001, Niterói, RJ. **Anais do I Erebio**. Niterói: SBenBio / UFF, 2001.
- _____. Análise do processo de re-elaboração discursiva de um texto de divulgação científica para um texto didático. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, III, 2001, Atibaia, SP. **Anais do III Enpec**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Física, 2001.
- NOVAES, A. “**A Super vive de surpreender o público**”. Disponível em: www.observatoriodaimprensa.com.br. Acessado em: 21/05/2005.
- REVISTA Superinteressante**, São Paulo, edição 214, Jun. 2005.
- SOUSA, G.G. O uso de jornais e revistas de DC no Ensino de Ciências. In: V Encontro de Pesquisadores em Ensino de Física, V, 1996, Águas de Lindóia. **Anais do V EPEF**. Sociedade Brasileira de Física, 1996. p. 121-126.
- SALÉM, S. & KAWAMURA, M.R. As perguntas dos leitores nas revistas de divulgação científica : possíveis contribuições ao ensino de física. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, II, 1999, Valinhos, SP. **Anais do II Enpec**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Física, 1999.